

Misoginia Especialistas dizem que jovens “estão mais conscientes, mas os comportamentos não mudam”, sobretudo na violência no namoro

# Masculinidade tóxica “Temos falhado com os rapazes”

Textos HELENA BENTO

Tatiana Moura, investigadora e coordenadora do Observatório da Violência no Namoro, da Associação Plano i, alerta também para a violência recíproca entre jovens. “Muitas raparigas também são agressoras, algo que não acontece na idade adulta. Parece quase um empoderamento disfuncional, uma lógica de ‘olho por olho, dente por dente’.” Rita de Araújo Gameiro, psicoterapeuta que acompanha crianças e adolescentes, lembra que a violência sempre existiu e que atualmente, na verdade, as relações entre as pessoas são mais saudáveis. “Há uma maior consciencialização e preocupação com o bem-estar e a saúde mental. As pessoas questionam-se mais e procuram compreender como agir melhor.” Para a psicoterapeuta isso é um sinal claro de “evolução social”.

foi recentemente chamada a uma escola para uma sessão com turmas do 8º ano. O pedido surgiu depois de uma professora ter identificado comentários problemáticos entre os alunos. “Começaram a dizer coisas como ‘a professora deu melhor nota à minha colega porque é feminista’ ou ‘o meu pai mora com a minha empregada’, referindo-se à própria mãe, ou ainda, em resposta a colegas raparigas, ‘cala-te, tu devias era estar a lavar a loiça.’” Para ela estes comentários são “extremamente preocupantes”, sobretudo em rapazes de 12 anos, e revelam que “ainda há muito trabalho a fazer”. “É essencial agir de imediato com estes jovens”, sublinha a investigadora do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra. A visita à escola está marcada para breve.

Assuntos como “masculinidade tóxica”, discursos misóginos e redes sociais estão no centro do debate, depois de a série “Adolescence” se ter tornado um fenómeno global, com impacto até a nível político: no início desta semana, o primeiro-ministro britânico anunciou que será exibida nas escolas do Reino Unido. A série retrata um rapaz de 13 anos que mata à facada uma colega da mesma idade. Ricardo Barroso, psicólogo, investigador em comportamentos agressivos em jovens e adultos e coordenador do Programa de Prevenção da Violência Interpessoal (PREVINT), implementado em escolas do país, diz que é “muito frequente” confrontar-se com fenómenos de “masculinidade tóxica”. “Nos estudos sobre violência interpessoal e nos programas escolares nota-se uma evolução positiva, mas na violência no namoro, por exemplo, não há grandes mudanças.” A falta de melhorias pode estar relacionada com a “pulverização das intervenções”, aponta o docente na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. “Há muitas ações nas escolas, especialmente nos grandes centros urbanos, tantas que podem até ter o efeito oposto ao desejado: os jovens estão informados, mas o comportamento não muda.”

Ariana Pinto Correia, psicóloga especialista em violência doméstica e de género, concorda. “Há mais de 20 anos que as escolas trabalham igualdade de género, mas os resultados não são os esperados. Falta trabalhar empatia e educação emocional. Quando as questões de género são abordadas sem um enquadramen-

to adequado, tornam-se vazias.” A psicóloga, que foi investigadora e coordenadora do Observatório da Violência no Namoro, da Associação Plano i, alerta também para a violência recíproca entre jovens. “Muitas raparigas também são agressoras, algo que não acontece na idade adulta. Parece quase um empoderamento disfuncional, uma lógica de ‘olho por olho, dente por dente’.”

Rita de Araújo Gameiro, psicoterapeuta que acompanha crianças e adolescentes, lembra que a violência sempre existiu e que atualmente, na verdade, as relações entre as pessoas são mais saudáveis. “Há uma maior consciencialização e preocupação com o bem-estar e a saúde mental. As pessoas questionam-se mais e procuram compreender como agir melhor.” Para a psicoterapeuta isso é um sinal claro de “evolução social”.

## “Pressão cultural”

Vários fatores podem alimentar a construção da “masculinidade tóxica” e a misoginia, aponta Ricardo Barroso. “Há uma pressão cultural para que muitos rapazes não mostrem vulnerabilidade, sejam agressivos e sexualmente ativos. O que perseguem é o controlo e o domínio, principalmente sobre as mulheres, e a invulnerabilidade. Crescem a acreditar que demonstrar empatia ou pedir ajuda é um sinal de fraqueza.”

Neste contexto surgem os *incels* [celibatórios involuntários], que “na grande maioria dos casos desenvolvem ressentimento contra as mulheres, associado à frustração sexual e à exclusão e rejeição social”. “Esse sentimento acaba muitas vezes por escalar para raiva e misoginia.” Muitas dessas crianças vêm do ambiente familiar, sublinha Ricardo Barroso. “Não são episódios isolados. São anos a crescer em contextos onde a violência é legitimada.” Esses jovens tendem a ter “fragilidades emocionais e dificuldades em estabelecer relações saudáveis com mulheres, mas também com outros homens”.

O ambiente digital agrava o fenómeno. Para reduzir esse impacto, o psicólogo defende que as plataformas reforcem a moderação e sejam “mais transparentes” nos critérios

**“SE NÃO DEIXAMOS CRIANÇAS SOZINHAS NA RUA, PORQUE AS DEIXAMOS SOZINHAS NO TELEMÓVEL?”, QUESTIONA ARIANA CORREIA**

## Europa aperta regras

A Austrália abriu caminho com a aprovação de uma lei inédita que proíbe menores de 16 anos de usarem redes sociais. A medida, aprovada em 2024, entra em vigor até ao final deste ano e prevê multas de até 49,5 milhões de dólares australianos (cerca de 28,5 milhões de euros) para plataformas que não cumpram a regra. Na Europa, o debate cresce. Eis alguns exemplos: a Noruega planeia aumentar a idade mínima de acesso às redes sociais de 13 para 15 anos, para proteger melhor as crianças de conteúdos online prejudiciais. Na Grécia, o Governo quer restringir o acesso a menores de 15 anos. No Reino Unido, está a ser considerada uma proibição semelhante à da Austrália. Em Portugal, a idade mínima de acesso às redes sociais mantém-se nos 13 anos.

que determinam a visibilidade dos conteúdos. “O uso de inteligência artificial para travar mensagens de ódio antes de se tornarem virais poderia ser uma solução.”

Rita de Araújo Gameiro sublinha, por sua vez, que a adesão a comunidades com visões polarizadas ou extremistas, incluindo a respeito das mulheres, “não é nova e sempre existirá”. “A necessidade de estabelecer polos opostos que não comunicam entre si sempre existiu como forma de relação do ser humano com os outros e consigo mesmo.” Esta tendência para a polarização, explica, resulta da necessidade de pertença a um grupo, algo característico da adolescência. “Está ligado à construção da autoimagem. Os jovens procuram espelhar-se nos outros para se definirem.”

## Masculinidade saudável

A sociedade não tem conseguido comunicar eficazmente com os jovens. “Avançámos na promoção dos direitos das mulheres, mostrando que podem ser o que quiserem, mas não mostrámos aos rapazes que também podem construir uma masculinidade saudável. Temos falhado”, considera Tatiana Moura. A ausência de referências e mensagens sólidas abre espaço para “discursos misóginos” promovidos por *influencers* como Andrew Tate. “Respondem de forma muito clara e direta às dúvidas dos adolescentes, ganhando terreno. Há um grande investimento financeiro na manofera [rede de

sites e perfis que promovem visões misóginas, homofóbicas e transfóbicas]. Já a resposta contrária não tem o mesmo apoio. Há uma desigualdade nos meios de combate a este fenómeno.”

Para Tatiana Moura, estes fenómenos estão ligados à desinformação e ao panorama político global. “A extrema-direita usa um discurso machista para manter privilégios masculinos e brancos, atacando as mulheres como se fossem uma ameaça.” Muitos jovens estão, na verdade, a ser “manipulados de forma eficaz por um projeto político”. “Quando tiverem idade para votar, sabemos em quem vão votar.”

## Falar sobre emoções

Muitos pais, sobrecarregados pelo ritmo acelerado do dia a dia, têm dificuldade em acompanhar o uso de ecrãs pelos filhos. “Muitas famílias vivem em condições de precariedade, sob grande pressão e stresse”, diz Ricardo Barroso. Ainda assim, há espaço para melhorias. “É essencial que os pais falem com os filhos sobre emoções, respeito e consentimento, mas também que lhes deem o exemplo. A ‘masculinidade tóxica’ começa a ser transmitida cedo. Se um jovem já tem discursos misóginos aos 13 ou 14 anos, isso não surgiu de repente. A raiz está na infância, em conversas dos pais ao telefone com amigos, por exemplo.”

Ariana Pinto Correia reforça a importância do diálogo. “Muitas vezes os pais estão presentes fisicamente, mas nem perguntam ao filho como foi o seu dia ou perguntam mas sem olhar para ele. As crianças precisam de adultos de referência que estejam atentos e façam perguntas por genuína curiosidade, não em tom de policiamento”, vinca. O controlo do uso de ecrãs é essencial. “Se não deixamos crianças sozinhas na rua, muito menos à noite, porque as deixamos sozinhas no telemóvel? Ambas as situações são perigosas. É preciso estabelecer limites.”

Rita de Araújo Gameiro destaca a importância da literacia digital dos jovens, uma opinião partilhada pelos restantes psicólogos e investigadores ouvidos pelo Expresso. “Os jovens têm hoje valores mais evoluídos e visão crítica sobre os conteúdos que consomem, nem todos ligados à misoginia ou a discursos radicais ou violentos.” Mas há o risco de serem expostos a desinformação, e por isso é necessário “ajudá-los a fazer melhores escolhas e a distinguir o verdadeiro do falso”. Já Ricardo Barroso defende uma “resposta coordenada”, abrangendo desde políticas públicas de prevenção da violência até “regras claras” para as plataformas digitais. “Estamos perante um problema complexo mas não incontrolável.”

hrbento@expresso.imprensa.pt